

Diário – 2010

João Bigotte Chorão

REVISIONES

Revista de crítica cultural

**João Bigotte Chorão**

Crítico y ensayista, es miembro de la  
Academia das Ciências de Lisboa (Portugal).

Ha dedicado especial atención a la literatura  
intimista (diarios, epistolarios, memorias).

Ha sido galardonado con el Gran Premio  
de Literatura Biográfica de la Associação  
Portuguesa de Escritores.

Su propio diario, con más de medio siglo,  
lo ha ido publicando en volúmenes como

*O Discípulo Nocturno* (1965), *Aventura Interior* (1969)

y *O Reino Dividido* (1999), a los que se han sumado

*Vozes no Deserto* y *A Palavra e o Silêncio*,

recopilados todos en *Diário Quase Completo* (2001).

João Bigotte Chorão.

«Diário – 2010»,

*Revisões*, n.º 6 (2010), pp. 131-141.

**12 de Janeiro.** Com a morte de Eric Rohmer desapareceu um dos cineastas que acompanhei – e me acompanhou – ao longo dos anos, de *Ma nuit chez Maud* a *L'Anglaise et le Duc*, passando por alguns dos seus «contos morais». Cineasta que não se confinava só às imagens, belíssimas aliás, dava à palavra o que é da palavra. Os seus filmes, de que, com raras exceções, foi argumentista, são muito «literários». Como não lembrar os diálogos desse filme intimista que é *Ma nuit chez Maud*? Num tempo e num meio exibicionista, Rohmer distinguia-se também pelo seu comportamento discreto. Numa retrospectiva promovida pela Cinemateca nos anos 80, ninguém o viu por cá.

**18 de Janeiro.** Noite mal dormida, a que não terá sido alheia a emoção do abraço de despedida. Quando voltar ao país vinhateiro, já não encontrarei à minha espera aquele que me saudava e com quem partilhava um cálice de vinho fino. Com muitas qualidades, acabou por ser vítima de si próprio, criando inimizades que lhe fecharam portas. Que vida batida por tão contrários ventos!

**23 de Janeiro.** O antiamericanismo patológico culpa os Estados Unidos de atentarem contra si próprios em 11 de Setembro e acusa-os de invadir o Haiti, a pretexto de ajuda humanitária. De muita coisa podemos acusar os Estados Unidos, mas não ao ponto de os diabolizar por todos os males do mundo. A sua maior debilidade ou ingenuidade é a de exportarem democracia para todo o lado, como um modelo aplicável universalmente. Desse equívoco nasceram nas Américas e em África regimes tirânicos. Na sua cegueira, não aprenderam a lição.

**26 de Janeiro.** Sem pré-aviso, uma quebra física que impôs precauções urgentes. Tão grande o meu mal-estar e a minha inapetência, que nem consegui abrir o livro que trago em leitura e em que em tantas páginas me reencontro.

**30 de Janeiro.** Quando saiu o *Journal* juvenil (1919-1924) de Julien Green, não corri a lê-lo, com receio de uma decepção do diarista a que sempre fui fiel. Li-o agora, com a bela surpresa de encontrar o velho escritor do meu apreço. Aos 20 anos já ele tinha o domínio da palavra (que, reconhece, fica sempre aquém do que se quer exprimir, ao contrário da linguagem musical), o enigma da identidade («suis-je donc un autre?»), o clima onírico e por vezes perturbante da sua ficção. Na década de vinte, o fervor religioso dita-lhe graves reflexões penitenciais («j'ai honte de ce que j'ai fait de mon âme»). O amor de Deus é tão cioso que a nossa tibieza não consegue retribuí-lo. Recrucificamos Deus. E se não temos piedade d'Ele, tenhamos ao menos piedade de nós. Encontramos neste *journal* a veemência e a ira sagrada do *Pamphlet contre les catholiques de France*, escrito na mesma época.

O deserto do amor, o vazio da vida inspiram-lhe pensamentos sombrios que poderíamos atribuir a Cioran.

**31 de Janeiro.** Lembro, nesta efeméride, o meu tio-avô Arnaldo Bigotte, que, estudante em Coimbra, participou na revolta do Porto. Foi pois um precursor da República e até um «herói» do novo regime, como tal figurando num painel de Roque Gameiro. Nomeado governador civil da Guarda, fez um apelo à tolerância num clima de radicalismo. Radicalismo não apenas político, mas ofensivo das crenças religiosas. Uma das maiores vítimas foi o bispo da Diocese, D. Manuel Vieira de Matos. Ordenou a sua expulsão o Dr. Afonso Costa, mas o governador civil, que não seria propriamente ultramontano, não se apressou a executar uma ordem que lhe parecia contraditória com os princípios proclamados pela propaganda republicana. Acabou por pedir a demissão, deixando ao seu sucessor o cumprimento daquilo a que se negara. Não se faz mister falar de «ética republicana» para classificar a independência moral de Arnaldo Bigotte.

**6 de Fevereiro.** Mudança de ares, depois de um período de quase clausura e acédia. Num dia como de Primavera, em Cascais e ao ar livre, olhando o mar agitado, e mais adiante o Cabo da Roca, o extremo ocidental da Europa. Aqui interrogamo-nos se serão nossos antepassados os homens de antanho, protagonistas da grande gesta marítima. Tão perto de Lisboa, Cascais parece-nos não só longe como fora de Portugal. Tudo, quase tudo, bem cuidado, para nos reconciliar connosco e com a nossa história. Reis muito ligados a Cascais – D. Luís, D. Carlos – são aqui publicamente lembrados sem complexos.

**21 de Fevereiro.** Em menos de um credo, o paraíso da Madeira transformou-se num inferno. Ainda há dias, a baixa do Funchal assistia ao desfile carnavalesco; sem aviso prévio, o mesmo lugar é uma enxurrada de lama e de destroços. Mal saídos da festa, eis que as lágrimas dos homens se confundem com as lágrimas das coisas.

**2 de Março.** Atravessou discretamente a vida. Mas deixou nela o que mais importa: boa memória em quem a conheceu. Atenta, afável, fina, era na plena aceção da palavra uma senhora. Sem gestos espetaculares cumpria com exactidão e modéstia os deveres para consigo e os outros. Tinha a devoção da família, sempre disposta a sacrificar-se por ela. Estava presente nas más como nas boas horas, regozijando-se com o bem dos outros. Não se fechava na família, porque o seu coração se abria a muita gente. Ajudava-a como podia, quanto mais não fosse por uma boa palavra e um bom conselho. Cuidava dos outros, sem se esquecer de si e da sua casa, espelho de um espírito que prezava a ordem, tudo com um toque de elegância que, das pequenas coisas, partia para as grandes.

Com o seu desaparecimento fecha-se um ciclo e a última casa que restava da família na Guarda. Que me levará agora a ela, senão a saudade?

**14 de Março.** Grande verdade a de Fernanda de Castro, quando escreveu que os amigos são a família que escolhemos. Uma vez mais pude comprovar isso ao ver quem estava presente na homenagem à memória de alguém que não era do seu sangue. Para salvar a honra do convento, compareci para, com a presença e a palavra, testemunhar o meu grande afecto e a minha simpatia por aquele que, por caminhos diferentes e até opostos, se distinguia pela inteligência e o carácter.

**17 de Março.** Ida e volta ao Douro numa homenagem a João de Araújo Correia. Sinto-me tão bem ali, nessas terras e gentes que me «adoptaram» cordialmente. Já um dia disse que «também eu sou duriense». Embora natural de outra região, é na duriense que me sinto como em casa.

**19 de Março.** Reaparece o velho amigo que há décadas partiu para o Oriente. Esgotado pelo trabalho e pela solidão, fala com grande vivacidade de um mundo para nós desconhecido, que se revela na sua palavra. Tem saudades porém do berço e dos antigos companheiros de geração, alguns dos quais já visitou na tentativa de reatar velhos laços e reabrir novas portas. Não se orientalizou como Wenceslau de Moraes nem se aniquilou como Camilo Pessanha. Não é um abúlico, mas um homem de acção, ligado a vários projectos e sonhando ainda outros. Aproxima-se do poeta da *Clepsidra* na indiferença em publicar o muito que tem escrito e corre o risco de desaparecer. Ou de Goulart Nogueira, que tanto admirava.

**26 de Março.** Este escritor que sempre me tratou com uma certa frieza, acaba de me surpreender falando do meu Diário e de escritos meus sobre Camilo. Há ainda quem me leia, como este grande letrado de espírito polémico.

**6 de Abril.** Missa de sufrágio por um antigo companheiro de trabalho. Quase ninguém das empresas a que esteve li-

gado. Empresas que tinham rosto e desapareceram ou mudaram de mãos. Longe da vista, longe do coração: a antiga camaradagem deu lugar à indiferença.

**7 de Abril.** Uma greve transformou Lisboa numa lixeira. Já lá vai o tempo em que as ruas eram todas as madrugadas lavadas a agulheta. De tal modo, que uma senhora italiana, aqui chegada, escrevia para casa dizendo que, com esta limpeza, se podia comer nos passeios! Hoje, a cidade é a imagem do estado a que chegámos. Toca-nos a sorte de Nápoles, com o espectáculo dos *rifiuti* acumulados ao longo dos dias.

**14 de Abril.** Uma tese sobre Julien Green em francês, mas defendida numa universidade portuguesa. Muito documentada e arguta peregrinação pelo turbido universo romanesco do escritor. A alma prisioneira do corpo, exposto a todas as tentações e ciladas. É o reino onde impera a carne, a morte e o diabo, para lembrar a clássica obra de Mario Praz. Julien Green não tem ilusões sobre a natureza humana. A outra face de Eros é Thánatos. O prazer não liberta, mas escraviza, de tal modo que pode levar à loucura, ao suicídio ou ao homicídio.

A obra de Green parece escrita por dois autores – um, o romancista do universo alucinado e alucinante, com personagens fascinadas pelo Mal; o outro, o diarista contido, de elegância clássica, familiar da Bíblia, leitor de poetas e místicos, grande melómano. Para esse viandante ou *homo viator* também no mundo invisível, a casa não era um refúgio, mas um pesadelo ou um lugar de fantasmas.

Esse escritor que viajou pelo reino nocturno, marcado pela educação puritana e pela herança jansenista, viveu dilacerado entre o apetite carnal e a vocação espiritual.

**21 de Abril.** Triste morte a de quem sobrevive a si próprio. Foi o caso do Prof. Pina Martins, que conhecemos incan-

sável no trabalho e na investigação – fala por ele a extensa bibliografia –, grande erudito, de memória prodigiosa. Nos últimos tempos era a sombra de alguém que já não sabia quem era e o que fizera em vida tão fecunda. Mudo e inválido, passou da poltrona à cadeira de rodas e desta à cama de grades para prevenir qualquer queda. Ah, morrer inteiro e não truncado...

**2 de Maio.** Na televisão, e estranhamente a horas de boa audiência, um filme que nunca vira: *Lágrimas e Suspiros*. Esteticamente admirável, e não menos literariamente (ou não fosse o cineasta também escritor), eis o desolado mundo de Bergman. Díficeis as relações humanas, enorme o sofrimento, a solidão e a morte. Os grandes planos acentuam o drama dos que sufocam nesse universo fechado e egoísta. As habituais atrizes da «família» de Bergman dão o melhor de si mesmas, sob a batuta do grande mestre.

**8 de Maio.** A imagem do que se chama ainda «família cristã» foi-se desvanecendo, varrida por não sei que vento de insânia. Casamentos que dir-se-iam abençoados entram em crise. E os filhos educados em certos princípios afastam-se dos caminhos traçados pelos pais. Empregos que pareciam estáveis cessam inesperadamente, com uma indemnização apenas temporária. A estabilidade dá lugar à incerteza e expõe a família a conflitos. Casa onde não há pão...

**12 de Maio.** Tive o grato privilégio de estar presente no encontro do Papa com gente da cultura. Em outras e menos propícias circunstâncias, pude ver mais de perto, e aclamar, Paulo VI e João Paulo II, aqui e em Roma. Grande momento o da saudação de Manoel de Oliveira a Bento XVI, em que o cineasta centenário afirmou *coram populo* a sua raiz cristã e a do nosso País e da Europa, queiram ou não queiram reconhecer essa matriz cultural os burocratas ja-cobinos.

Não basta «a fé do carvoeiro» nem uma religião de massas. De letrados exige-se outra responsabilidade. Já teólogos, que Vintila Horia ouviu na sua viagem aos «Centros da Terra», advogavam, como hoje Bento XVI, que no futuro o Cristianismo será uma religião minoritária.

**17 de Maio.** Com menos entusiasmo do que é habitual, regresso à casa lousanense. Mas o bom tempo – próprio de Maio, céu limpo e temperatura amena – ajuda-me a readquirir algum ânimo.

**21 de Maio.** A que intoxicação política é submetido o leitor da imprensa, o ouvinte da rádio, o espectador da televisão! Quem pode, quer e manda vive na ilusão de ser ele a governar, quando é o *fatum* que nos conduz. Mas do descalabro, por inércia, incompetência ou ideologia, temos de pedir contas aos que ocupam altos cargos e decidem por nós e contra nós.

**22 de Maio.** Vendo-o, ouvindo-o, a gente chega a esquecer que tem sobre a cabeça a espada de Dâmocles. Lê jornais, vê televisão, interessado quase em exclusivo pela política, a politicagem e os politiquinhos, que o excitam. O mundo exterior é o seu mundo, como se não houvesse vida interior. Embora não esqueça o que o espreita, vive o seu dia-a-dia apegado a hábitos e rituais. Não posso deixar de admirar um comportamento que não se entrega ao desânimo.

**23 de Maio.** Aproveito toda uma semana para ler ao ar livre o novo volume do Diário de Marcello Duarte Mathias, leitura que só interrompo para namorar o jardim, agora bem cuidado, com a olaia majestosa, e para admirar a sinfonia verde da serra da Lousã. Lamento não poder gozar mais tempo e mais vezes a casa e a paisagem, sobretudo quando, como agora, não há chuva, nem vento, nem frio.

Se há leitores que apreciarão mais neste Diário o que lá se diz da vida diplomática – da Carreira e da Casa, para usar a terminologia ali usual –, outros, como eu, interessam-se antes pelas reflexões sobre literatura autobiográfica, tão familiar ao autor. Surpresa de ver citados os diaristas brasileiros Lúcio Cardoso e Ascendino Leite, que poucos aqui conhecem. Para Lúcio Cardoso, não são os acontecimentos que fazem um diário, mas a ausência deles. Em Marcello Duarte Mathias há, pelo contrário, muitos acontecimentos, alguns deles de relevância discutível. A rebelião de Abril fornece, naturalmente, matéria para comentários críticos, que não poupam aqueles que não sabiam o que faziam – ou por demais sabiam. Alguns, julgando-se protagonistas, pisaram desajeitadamente o palco da História, como simples comparsas. Quem anteriormente detinha o Poder, deixou-o fugir das mãos, enleado em perplexidades e indecisões, fatais para o País, abandonado à destruição apressada e irresponsável.

Não faltam neste Diário retratos, não raro polémicos e devastadores, de políticos e militares, de diplomatas e escritores. A república literária é toda uma lamentável feira de vaidades, ambições, invejas. O incenso vai sempre para os mesmos autores, e não sobra nada para os que a crítica ignora sistematicamente. Em Portugal, escrever é para muitos uma actividade clandestina, no juízo certo de Marcello Duarte Mathias. Que anuncia um livro de aforismos, desafio arriscado para quem conhece Cioran.

Em suma: um Diário que convida à leitura, aberto tanto à literatura como à pintura. De salientar ainda o culto de uma família de raízes beirãs – raízes que são uma defesa contra as tentações cosmopolitas. Ao contrário do estrangeirado que só lá fora se sente bem, Marcello Duarte Mathias não esconde as saudades da terra e o sabor de cada regresso.

**2 de Junho.** Que contraste entre aquele que subiu a pulso e fez com êxito provas académicas, e o que, não desprovido

de qualidades, e com grande auto-estima, é a imagem do condenado (ou ele próprio se condenou) à exclusão e à solidão: tendo família, é como se não tivesse, longe dela e de tudo o que ainda o motivava. Na despedida, aperta-se-me o coração, receando que o futuro seja pior que o presente.

De quem a «culpa» – dos outros ou dele próprio? Foi o temperamento polémico que lhe fechou portas que, de outro modo, se abririam às suas notórias aptidões.

**10 de Junho.** Couto Viana regressa definitivamente à sua terra natal no dia de Camões, poeta da Pátria, e não posso deixar de ver o simbolismo desta coincidência entre quem *Até ao longínquo China navegou* também. Foi profeta na sua terra, que cavalheirescamente o honrou, ao contrário do país político, que se opôs ao tradicional voto de pesar. Mas, como ele disse, a melhor homenagem a um poeta que morreu é decorar-lhe os versos, e por isso continuará vivo na sua poesia. O homem que era uma personagem, um actor que parecia estar na vida como se pisasse um palco – esse é que se foi embora para sempre. Tinha um sentido lúdico da vida, que ultimamente tanto o maltratara, e procurava no trabalho o desforço da monotonia dos dias. Pressentindo o fim, despediu-se dos amigos em poemas que confessavam ter já «a mala aviada». Agora foram os amigos a dizerem-lhe adeus, gratos pela sua amizade, o seu talento, o seu exemplo na adversidade.

**11 de Junho.** Chega-me a notícia da morte de Silvano Panunzio, figura emblemática do que podemos designar «esoterismo católico», sábio de muitas línguas e culturas, tanto do Ocidente como do Oriente. Mas, escritor límpido, a erudição não embaraçava a exposição da sua doutíssima «Dottrina dello Spirito» em vários volumes. A revista *Metapolitica*, que provavelmente cessará com ele, não se parece com nenhuma outra. O rigor espiritual como que impunha uma qualidade gráfica em que se aliavam bom gosto e sobriedade. Aí colaborei algumas vezes e vi trans-

critas cartas minhas, que alimentavam o diálogo com o Director, que, na sua visão escatológica, era muito crítico da política e da criptopolítica.

**19 de Junho.** A obscuridade preserva-nos de, a propósito de tudo e de nada, quererem a nossa opinião. Não estamos assim expostos a dizer coisas politicamente correctas, que as incorrectas ou heterodoxas não interessam. Para dizer o que pensamos, resta-nos este discreto caderno.

**22 de Junho.** O nosso crónico desânimo descambou numa euforia espasmódica. Sem que nada o esperasse, nasceu o patriotismo possível.

**25 de Junho.** Encontro na rua um velho condiscípulo do liceu e ficamos a conversar algum tempo. Leitor compulsivo e actualizado, ficou surpreendido quando lhe disse que a minha biblioteca não é desmedida como a dele. De tanto ler não lhe sobrou tempo para escrever. E alguns textos juvenis mostravam que tinha vocação para isso.

É das raras pessoas que se interessa pelo meu diário e quer saber quando publico outro volume. Respondo que nenhum editor está interessado nas minhas insónias e numa literatura que não se vende. As minhas insónias, além disso, não são, obviamente, as de Cioran, de que nasceram livros que parecem caprichos ou monstros de Goya.

**29 de Junho.** Não se pode franquear a porta a quem, ao transpô-la, se comporta como dono e senhor da casa para que foi convidado. Não tarda que o gosto de dominar se imponha onde devia haver espírito de colaboração. Não nos podemos queixar se foi nossa a desistência que deixou o caminho livre ao *parvenu*. Alavancado (como se diz na detestável linguagem de hoje) por afinidades ideológicas.

**5 de Julho.** O nome do colombiano Nicolás Gómez Dávila era-me de todo desconhecido, até pessoas de bom cri-

tério me inculcarem esse autor – mestre do aforismo, a que ele chamava, eruditamente, escólio. Li alguns desses aforismos, fascinado por uma inteligência e uma cultura inimigas do lugar-comum, que circula impunemente por todo o lado. Tudo, ou quase tudo, é certo, como flechas que acertam sempre no alvo. Um exemplo só: «O jornalismo foi o berço da crítica literária. A universidade é o seu túmulo.»

**11 de Julho.** Inventário do recheio de uma casa que vai fechar-se, a última que a família tinha na cidade, e que a partir de agora irá ficar mais longe para nós. Fecha-se com ela um capítulo da nossa vida. Nesta idade, escolher alguma coisa com valor apenas sentimental. Numa jornada já difícil, a notícia de que estaria em risco o que conseguimos aforrar porque não vivemos acima das nossas posses. Tratou-se, afinal, de um falso alarme. Mas haverá fumo sem fogo?

**22 de Julho.** Nesta república de troca-tintas, paga caro quem não tem duas caras nem cultiva a hipocrisia. Há quem se venda por um prato de lentilhas.

**5 de Agosto.** Tão agarrado à vida e aos bens materiais, lutou por eles como se luta por um nome ou um título. Depois de tanta lida, a confirmação da sentença vem pôr a nu como são ilusórias as coisas perecíveis.

**11 de Agosto.** Leituras de e sobre Joaquim Nabuco, no centenário da sua morte. Lembrei numa reunião essa efeméride, e logo me pediram um texto para a assinalar. Pela boca morre o peixe...

Para quebrar a rotina de velhas amizades – também os sentimentos se cansam –, é salutar mudar de carris. As portas estão abertas para quem nos der o gosto da sua visita.



**17 de Agosto.** Pouco passei ao ar livre porque o calor opressivo o não permitiu. Mas, sempre que pude, e ao abrigo da sombra, não me fechei em casa – e lá fora, na varanda, ofereci-me o cenário da serra da Lousã e do espaço verde milagrosamente poupado ao fogo e às cinzas.

**24 de Agosto.** Contra o estereótipo de os países escandinavos serem um invejável paradigma civilizacional, a literatura e o cinema dão o reverso dessas progressivas nações. O homem e a sociedade escandinava aparecem com outra imagem e outra alma – uma alma atormentada em que a própria religião não é pacificadora.

Aqui está um filme norueguês, *Águas Agitadas*, a desmentir o quadro idílico da sociedade da abundância, alheia a dramas metafísicos. Aqui se defrontam o Bem e o Mal, a culpa e o perdão, a solidariedade e o desejo de vingança. E tanto o Bem como o Mal se inscrevem no plano de Deus, inexplicável à razão humana. O ambiente religioso do filme vem-lhe também do cenário – um austero templo luterano – e da solene música de órgão (de Bach a Simon and Garfunkel) que faz tremer as paredes e os corações.

Leio que este é o último painel de uma «trilogia de Oslo», de um realizador de que nunca ouvira falar: Eric Poppe. Ser-nos-á dado ver os painéis anteriores? Duvido, pelo escasso público que levou *Águas Revoltas* à única sala em que (ainda) se exhibe. Ao desinteresse do público, junta-se a pouca atenção que o filme mereceu da crítica.

**27 de Agosto.** Visita de um jovem escritor que me distingue, coisa insólita, com a sua atenção e o seu interesse. Interesse não só pelo que diz – e, já agora, escreve – um veterano, mas também pelos livros que invadem as estantes. Para dar maior sabor à conversa, um vinho fino da região de que é natural o visitante. Andou, não como turista, pelo vasto mundo, sem cortar as raízes que o prendem a

Portugal. Ao contrário de outros da sua geração, que não aceitam ter nascido num país periférico, longe dos «centros da Terra».

**8 de Setembro.** As Tapeçarias de Pastrana no Museu de Arte Antiga. Que dizer quando a grande história e a grande arte se encontram, celebrando esta os fastos, que assim ganham outra dimensão. Como não estabelecer um paralelismo entre o que já fomos e o que somos hoje? Esta obra-prima, que não sabemos como nem porquê foi para Espanha, era cá muito precisa. Para nos consolar, aqui temos os Painéis de S. Vicente, que ocupariam um bom lugar em qualquer museu.

**19 de Setembro.** Hoje tudo é espectáculo. Cerimónias que ontem eram privadas ou quase – para a família e amigos íntimos –, abrem-se agora a muitos convidados. Enquanto velhas famílias decaem vertiginosamente, às vezes no espaço de uma geração, outras ascendem, de um momento para o outro, social, económica e culturalmente. Louvores a quem os merece.

**29 de Setembro.** Por Ivan Junqueira tenho notícias de Ascendino Leite. Más notícias, como era de esperar: faleceu há pouco com os seus 95 anos e a sua cegueira, terrível provação para quem dependia da leitura, boa companhia da solidão. Não sendo académico, nem por isso a Academia Brasileira de Letras deixou de evocar a memória do escritor prolífico, cujo diário, 18 volumes, é dos mais extensos que conhecemos. Diário sofrido de um autor não bafejado pela sorte, que, sem editor, publicou muitos livros por sua conta e risco. Que depois oferecia a muita gente, porque cultivava com afincos relações literárias. Também fui beneficiário dessa prodigalidade, e tive ainda a satisfação de me ver citado com simpatia nos seus diários. Depois de livros e de cartas cordiais, sobreveio o silêncio, e culpo-me de o não ter quebrado.

**5 de Outubro.** Noutro tempo, com que entusiasmo voltava à terra onde nasci, onde me esperava o bom acolhimento da família e de gente amiga. Hoje é o deserto, e se regresso é para cumprir tristes obrigações, como desocupar e fechar a última casa de família. Não é só uma casa que se fecha, mas uma cidade. Que e quem me trará de novo aqui? Os ossos dos meus antepassados, em piedosa romagem?

**6 de Outubro.** Telefonema de uma antiga colega do liceu, que deixou na sua turma e entre os condiscípulos uma viva recordação. Muito requestada, os seus pretendentes não foram correspondidos. Ela punha os olhos em outro lado e acabou também por sofrer grandes desilusões.

Dá-me conta da sua vida e da sua insatisfação no campo pedagógico e ideológico. As suas ambições literárias conheceram igualmente obstáculos que não conseguiu ultrapassar. E para falar disso é que me telefona, julgando-me mais conhecedor do meio e mais afortunado...

Longa conversa, que me leva àquele tempo em que ela era uma jovem desembaraçada e eu um rapaz que só de vez em quando saía da sua concha.

**9 de Outubro.** Atribuía a hostilidade que suscitava às ideias que defendia sem rodeios. Enganava-me: o que afastava muita gente era um temperamento que assumia formas truculentas. Mas ninguém lhe negava competência científica nas matérias que ensinava. Conhecia como ninguém os grandes autores de que era especialista – Camões, Vieira, Camilo –, mas também escritores menores, de que só raros eruditos têm notícia. Falava tão bem como escrevia, e por isso impacientava-se com quem, ensinando literatura, não sabe escrever escoreitamente e substitui o conhecimento dos textos por esdrúxulas teorias.

Grande letrado, os livros eram a companhia de um homem que só tinha parentes afastados. Mas se as letras eram o seu mundo, não se esgotou aí a sua humanidade

empenhada em obras de assistência a novos e velhos. Eles, mais que os sábios, honrarão a memória do meu velho e difícil amigo Aníbal Pinto de Castro.

**18 de Outubro.** O Outono, como o deste ano, é certamente a mais bela das estações. Então no Douro, de onde acabo de regressar, que espectáculo se oferece a nossos olhos, com as suas cores e os seus rasgados horizontes. Para não falar da temperatura amena e na luz macia, já não habituais nesta época. E pensar que há gente que não conhece o Douro, mas já viajou até aos antípodas.

**29 de Outubro.** Penosa visita que é, sem dúvida, uma despedida para sempre. Mais penosa porque o doente não é daqueles que mostram cansaço de viver. O seu temperamento extrovertido não parava de sonhar e realizar. Ora construía de raiz uma casa, ora refazia outra que recebera por herança. E não descansava enquanto essas casas não estivessem mobiladas e decoradas a seu gosto. Agradava-lhe tudo o que é exterior e dá nas vistas. Chegado ao fim da vida, ainda se preocupava com o destino a dar aos bens. Dispõe das coisas como um administrador zeloso que não quer deixar nada ao deus-dará.

**3 de Novembro.** Minhoto, não quis ser sepultado na terra natal ou naquela em que vivia, mas na terra que estimava como sua. Por uma solar tarde de Outono, lá o deixámos na escura e fria solidão de um jazigo. Extrovertido e convivente, para quem o conheceu foi uma surpresa a serenidade com que aceitou a morte. Em verdade, ninguém conhece ninguém, e nem a nós próprios nos conhecemos.

**14 de Novembro.** Veio para combinar o modo de evocar João de Araújo Correia numa associação regional. Em vez de palestras certamente inadequadas ao provável auditório, uma pequena mesa-redonda em que, cada um de nós,

dará um testemunho – mais que um juízo crítico. Acorado o método a seguir, falou-me da sua vida, da difícil vida que é a da juventude, aqui e agora. Que palavras e que maneiras de ajudar quem não tem meios ou chave para lhe abrir a porta?

**21 de Novembro.** Não consegui sopitar o riso quando lia um livro nada humorístico. Bem pelo contrário, grave, especulativo, polémico, ou não fosse de Gustavo Corção, agora incluído numa colecção de grandes cronistas. Bem sei que a crónica é um género multiforme, quanto a temas, figuras e registos. Ora Corção tanto podia escrever sobre o apocalíptico Bloy como sobre o paradoxal Chesterton, sobre teologia e factos quotidianos, sobre o eterno feminino e o calendário litúrgico. Qualquer que fosse o assunto, escrevia com saber e sabor, na língua de Machado de Assis. Ri-se a gente quando a matéria é de rir e perturba-se quando Corção fala de coisas espirituais e de «marcos de eternidade».

**24 de Novembro.** O País parado. Parado é que avança.

**26 de Novembro.** Pela simpatia que merecem as casas regionais pela fidelidade às raízes distantes, lá fui. Não era de esperar grande assistência, mas pela figura que ia evocar, contava que aparecessem algumas pessoas. Além do presidente da colectividade, havia três ou quatro assistentes. Falei pois para cadeiras vazias e para vetustos retratos pendurados nas paredes. Sirva de consolo que duas pessoas tiveram a amabilidade de justificar a sua ausência.

**14 de Dezembro.** Noite agitada, certamente pelo filme que vi ontem à noite, *Dos Deuses e dos Homens*, de um realizador desconhecido, Xavier Beauvais. Não foi o Gran-

de Prémio de Cannes que me motivou, mas o que me disseram de um filme nada comercial nem materialista. Um filme, pelo contrário, de forte e dramática espiritualidade. Não uma espiritualidade desencarnada ou de evasão, mas integrada na realidade mais brutal do nosso tempo. Mundo onde impera a violência, a luta implacável dos que detêm o Poder e dos que visam conquistá-lo.

Num mundo desumano, uma pequena comunidade de religiosos que vive entre o povo e para o povo, ajudando-o como pode. Se tem a simpatia da gente humilde, esses religiosos atraem sobre eles a animadversão de facções que se digladiam, respondendo com a violência à violência.

Impõe-se aos monges o dilema de continuarem, expostos a todos os riscos, ou partirem, salvando as suas vidas, mas abandonando os deserdados à sua sorte. Os que se sentiam tentados a partir, acabaram por ficar. Se a sua opção de vida não era o martírio, foi o martírio o preço a pagar à fidelidade. Na ceia de Natal, partilham a derradeira felicidade neste mundo. Era a última ceia antes da crucificação. Um a um, vemos em grande plano rostos que parecem saídos de um painel de Nuno Gonçalves. A dignidade humana elevada ao patamar da santidade.

**25 de Dezembro.** Debate dos candidatos à presidência da República. Não discussão de ideias ou de propostas para combater a crise, mas argumentos *ad hominem* e, em certos candidatos, elogios que, em boca própria, são vitupério.

**28 de Dezembro.** Um destes dias em que o frio me tolhe física e espiritualmente, de tal modo que tira toda a apetência para ler e escrever. E a agravar o estado, a perturbação que os problemas do dia-a-dia me causam cada vez mais.